

**Proposta Arquitetónica de Centro  
Cultural, no Antigo Matadouro da Guarda**  
Versão final após defesa

**João Miguel Fidalgo Aparício**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(mestrado integrado)

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Doutora Miriam Ruiz Iñigo

dezembro de 2020



*“Dedicado à má escrita”*



## Resumo

No centro geográfico da cidade da Guarda localiza-se um espaço devoluto há mais de 30 anos que a cidade tem ignorado e menosprezado, trata-se do antigo Matadouro da Guarda.

Tendo como ponto de partida este espaço marginalizado, com uma função desatualizada de acordo com as necessidades da população, o objetivo do presente trabalho será converter o matadouro no Centro Cultural da Guarda, considerando as reais necessidades e compreendendo que funções escasseiam na cidade. Nesse sentido serão criados espaços para exposição/eventos, zona de restauração, residências e local de trabalho para artistas, empregos para a população, conjugando um equipamento que permita acolher tanto os artistas como a população local onde, de forma simbiótica, possam desempenhar as suas funções e estabelecer relações interpessoais. Será ainda criado um espaço de reflexão que apele aos sentidos, uma obra com um carácter experimental que pretende induzir à reflexão do utilizador perante o que se depara, a obra e o próprio.

Tratando-se de uma reabilitação será pertinente compreender o que deve ser removido do espaço por “perturbar” a memória e compreender quais os elementos que tornam pertinente o seu legado original.

A alteração do programa do conjunto edificado de matadouro para Centro Cultural pretende, acima de tudo, dinamizar o local e a cidade, facilitando e melhorando os percursos pedonais, aglutinando zonas da cidade que atualmente se encontram dispersas, criando, desta forma, uma nova centralidade que introduzirá uma dinâmica distinta à cidade. Revelando o valor do património existente e recuperando-o para a cidade

## Palavras-chave

Arquitetura; Centro Cultural; Guarda; Matadouro; Reabilitação



# Abstract

On the geographic center of the city of Guarda a vacant space is located in more than 30 years, in which the city has ignored and undervalued, this being the old slaughterhouse of the city of Guarda. Having this marginalized space as a starting point, with an outdated function according to the needs of the population, the goal is to convert the Slaughterhouse in to the Cultural Center of Guarda, taking into account the real needs of the population, taking into account the real needs and understanding what functions are scarce in the city, there will be created spaces for expositions / events, a zone for a dining area, artist residences, an artist workplace, jobs for population, combining equipment that allows to welcome both artists and the local population where, symbiotically, they can perform their functions and establish interpersonal relationships. A space for reflection will also be created that appeals to the senses, a work with an experimental character that intends to make its user reflect with what he is faced with, with the work and with himself. Since this is a refurbishment, it will be pertinent to understand what must be removed from the space because it disturbs the memory and to understand which elements keep its original legacy intact. The alteration of the program of the built set of the slaughterhouse to the Cultural Center aims above all to energize the place and the city, facilitating and improving the pedestrian ways, bringing together areas of the city that are currently dispersed, thus creating a new centrality that will introduce a distinct dynamic to the city.

Revealing the value of the existing Heritage and recovering it for the city

# Keywords

Architecture; Cultural Center; Guarda; Refurbishment; Slaughterhouse



# Índice

Índice de Figuras	xi
Introdução	1
Contextualização histórica	3
História do edifício	8
Memória do estado actual	12
Programa da proposta	14
Estratégia projetual	21
O projeto	26
Tratamento dos muros	26
Articulação dos acessos	28
A vegetação e a água	29
O espaço de reflexão	30
Um espaço próprio para os artistas	31
As áreas de serviço	31
Zona expositiva	32
Conclusão	35
Bibliografia	37
Índice de Painéis	40



# Índice de Figuras

Figura 1- Planta de pormenor da cidade da Guarda 1925 (Neto, 2013)	5
Figura 2-Anteplano geral de urbanização da Guarda 1949 (Neto, 2013) <b>Erro! Marcador não definido.</b>	
Figura 3-Matadouro em construção 1938 a 1940 (Ferreira, 2000)	8
Figura 4-Matadouro da Guarda anos 60 (Ferreira, 2000)	8
Figura 5-Restruturação da via 2009 (Google Maps)	9
Figura 6-Limites do Matadouro (do autor)	10
Figura 7-Fotos do estado atual (do autor)	11
Figura 8-Entrada de cargas e descargas em 2009 (Google Maps)	13
Figura 9-Esquiço 1-500 do existente (do autor)	13
Figura 10-TMG (Freguesia da Guarda, s.d.)	14
Figura 11-Centro Cultural (all about Portugal, 2017)	14
Figura 12-Foto do existente e maquete da proposta (Grijalba & Grijalba, s.d.)	15
Figura 13-Contraste entre o passado e presente do matadouro de Madrid (La Vanguardia, 2018)	16
Figura 14-Intervenção no matadouro de Madrid (Langarita Navarro Arquitectos, 2012)	17
Figura 15-Planta do Matadouro do Madrid (Matadero Madrid, s.d.)	18
Figura 16-Jardim Botânico de Barcelona (Barba, 2012)	19
Figura 17-Planta do Jardim Botânico (Barba, 2012)	20
Figura 18-Esquiço da planta existente (do autor)	21
Figura 19-Estado em 2009 (Google Maps)	22
Figura 20-Entrada pedonal em 2007 (Google Maps)	22
Figura 21-Alteração do limite em 2009 (Google Maps)	23
Figura 22-Estado atual da entrada pedonal (do autor)	23
Figura 23-Estado atual entrada do estábulo (do autor)	25
Figura 24-Relação estabelecida do muro de betão com o existente e a envolvente (do autor)	27
Figura 25-Esquiço em corte (do autor)	28



# Introdução

Havendo a possibilidade de ter por base um contexto real com que o autor se pudesse relacionar, optou-se por eleger um exemplo prático de um espaço caído no esquecimento, localizado no centro da cidade cuja urgência de resolução há muito se vem evidenciando. Embora a cidade tenha evoluído e feito inúmeros trabalhos de requalificação, a zona de estudo acaba por verter uma aura de alienamento a essas mudanças, gerando uma discrepância cada vez mais acentuada entre a cidade e o antigo matadouro da Guarda. Elege-se este ponto de partida pela história que carrega e pelo seu começo não ser uma tela em branco, mas sim a presença de um legado largado ao abandono.

A intenção de desenvolver no matadouro um novo Centro Cultural é uma ideia vincada que brota da necessidade que a cidade revela de ter um novo espaço, especialmente desenhado para acolher o artista, o que diverge do estado atual, pois existe um Centro Cultural que se localiza num antigo edifício, cujas características não cumprem as necessidades inerentes. Também a escassez de alojamentos para artistas é uma falha na cidade que se propõe pela altura da escrita deste documento a Capital Europeia da Cultura para 2027. Compreende-se que o Teatro Municipal da Guarda (TMG) complementa em grande parte a atividade cultural da cidade, no entanto, certas exposições de peças com características menos vulgares poderão ser um verdadeiro desafio, sendo, assim, a necessidade de existirem espaços de exposição preparados para receber um leque maior de obras, necessário.

A importância de conseguir vincular este espaço marginalizado ao resto da cidade é um desafio. Seria possível negar o existente e iniciar uma obra de raiz naquele espaço, no entanto, a importância do valor do património

arquitetónico existente aliado à possibilidade de poder criar um equipamento com um consumo menor de materiais e energia é uma ideia atraente, não apenas pela sustentabilidade do projeto, mas também por deixar a memória presente, com uma nova vida, com um novo contexto.

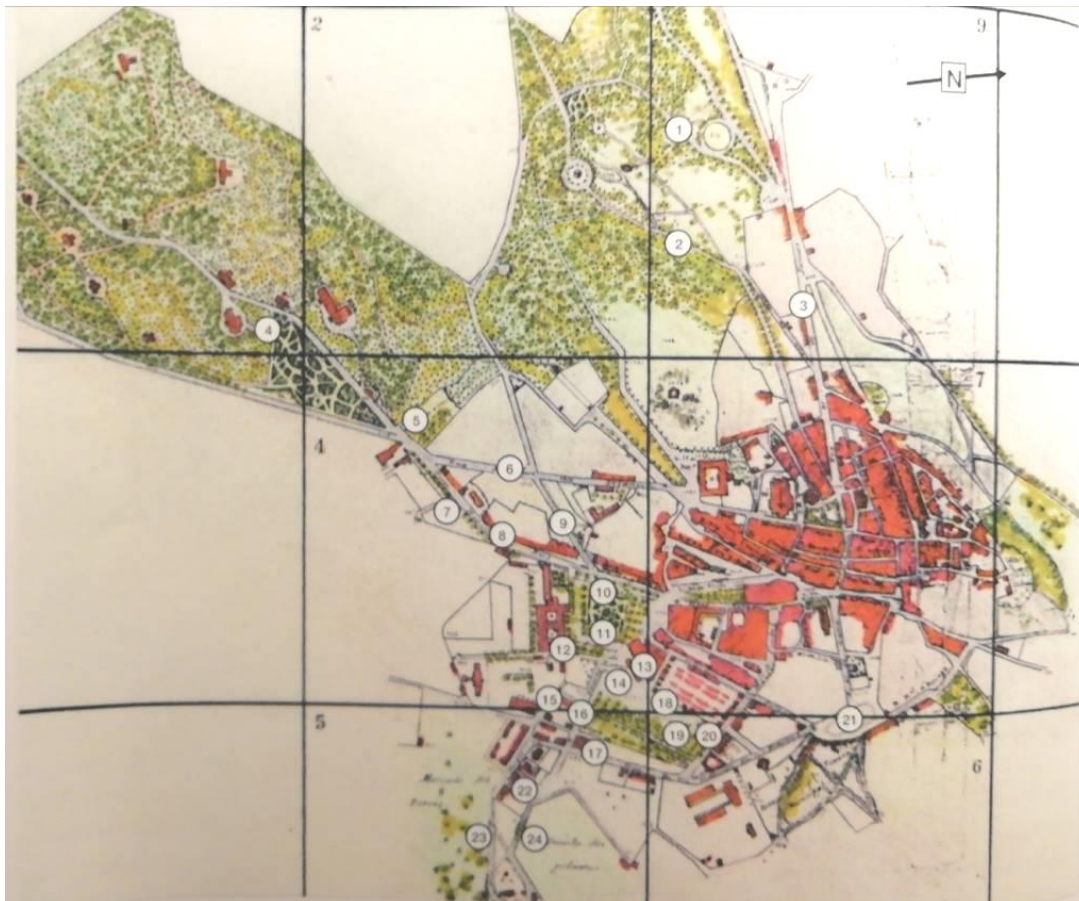
A proposta será trabalhada com o intuito de concurso, focando-se principalmente, na disposição geral dos vários elementos, a forma como estes ocupam o espaço e a sua relação com a envolvente.

## Contextualização histórica

No início do século XX a relação da cidade da Guarda com o matadouro estava em declínio, localizado no Torreão. A carne de vaca escasseava com frequência, pois os criadores faltavam constantemente às arrematações. Para além disso toda aquela zona passava por um período de insalubridade. As doenças propagavam-se de forma rápida e com facilidade, dada a proximidade entre animais domésticos e humanos. Havia animais de tração e animais de criação para consumo em contacto direto com os habitantes. Embora fosse proibido deixar à solta nos espaços públicos os vários tipos de aves domésticas, sob o risco de ser multado em 200 réis, essa ação não era suficiente para manter a higiene nos espaços públicos. Mesmo contratando “escarradores” para o Matadouro Municipal, como meio de controlar o contágio da tuberculose e ainda a colocação de urinóis nas zonas mais movimentadas, as várias doenças endémicas como a varíola, cólera e tifo continuavam a disseminar-se pela cidade. Para além disso havia vários tuberculosos pelas ruas, vinham à Guarda na esperança de serem curados. Apenas em 1907 com a abertura do sanatório é que há um mitigar do medo generalizado de contaminação. (Neto, 2013)

Na década de 1910 houve uma prioridade na construção de jardins e zonas verdes, como um símbolo do “permanente rejuvenescimento do ser humano”, ideal defendido pela república portuguesa que acabava de chegar ao poder. Como tal são feitas inúmeras requalificações na cidade às praças e largos existentes. De referir ainda a introdução de instalações sanitárias públicas nos espaços requalificados.

A problemática fica resolvida nos anos 20 e 30. A Guarda tem um notável progresso de embelezamento e desenvolvimento, tanto a nível industrial como comercial, no entanto, durante os anos 10 havia ainda enormes dificuldades e problemas devido à participação na guerra de 1914-1918, onde se verificavam fortes constrangimentos financeiros, ao ponto de não ser possível, por parte do Estado e autarquia, construir edifícios para acolher de forma digna inúmeros serviços públicos. Embora, a economia desse sinais de crescimento com a ajuda das iniciativas privadas, o início da década de vinte seria o ponto de viragem do urbanismo da cidade. Para que tal marco histórico acontecesse foi necessário o aparecimento de contestações de grande relevo, incentivadas pelos movimentos regionalistas, onde era evidente o inconformismo e ceticismo por parte dos municípios, relativamente ao Estado e às suas políticas. Este movimento foi um indicador da descrença que se começava a instalar face à I República. O associativismo parte da massa estudantil e em março de 1923 partiu dos estudantes da Beira o movimento de reivindicação, com o objetivo de expor os problemas e refletir sobre os mesmos, através da publicação da “Revista das Beiras”. Estas manifestações deram origem, na Guarda, ao I Congresso Distrital, nos dias 6 a 9 de maio de 1923, onde os temas em debate de maior relevância foram incidentes sobre problemas locais concretos, desde a medicina à higiene dos espaços públicos e ainda a problemática das estradas e vias-férreas. Em 1924 acontece o II Congresso entre os dias 23 a 25 de junho, e, desta vez, três novos temas estão em cima da mesa por três pessoas notórias da história do distrito da Guarda: o Dr. Luiz Maria Lopes da Fonseca propunha a Unificação de posturas municipais; o Dr. Francisco Lobo de Vasconcelos referia o aproveitamento das águas mínimas na agricultura e o Dr. Afonso Gouveia d’Andrade Pissarra apresentava o distrito da Guarda como uma zona de turismo. Tais congressos mostravam a capacidade produtiva da Beira, a ligação dos vários concelhos seria de extrema importância para dinamizar a economia local, tendo em conta as premissas e as problemáticas regionais acima descritas.



*Figura 1- Planta de pormenor da cidade da Guarda 1925 (Neto, 2013)*

No final da década de 20 e início da seguinte, a Guarda começa a dar sinais de uma estruturação urbanística que tem como foco o tão aguardado desenvolvimento económico e social, no entanto, o panorama nacional revelava tempos árduos, moral e financeiramente. Embora a cidade tivesse encontrado um rumo para o progresso, deixando de lado a ideia de cidade isolada e rústica, característica da época oitocentista, a verdade era que faltavam ainda muitos empreendimentos e apoios do Estado, como forma de impulsionar a economia. Serviços públicos, como as escolas continuavam em condições precárias e apenas algumas instituições bancárias abriam delegações na cidade, o que pronunciava mudanças muito morosas. Apenas o Sanatório Sousa Martins atribuía dinamismo ao desenvolvimento da cidade. Associado a ele estava a construção de casas de saúde e consultórios médicos-

o aparecimento de novas gentes em busca de uma cura para as suas doenças, e os curados acabavam por ficar na cidade criando estabelecimentos comerciais e industriais-.

O relevo do sanatório era notável não só para as vantagens vindouras à cidade, mas considerado nacional e internacionalmente uma das mais prestigiadas instituições do século XX.



Figura 2-Anteplano geral de urbanização da Guarda 1949 (Neto, 2013)

Suportada por este dinamismo inerente ao sanatório, a cidade tinha a possibilidade de prosperar, as gentes da terra começavam a ter essa noção de uma grande possibilidade de investimento local, tal ideia fica registada por José Dias Soares a 23 de março de 1924, no jornal *O Combate*, que descreve a cidade de um ponto de vista positivo, de forma empolgada, onde revela esse desenvolvimento económico inerente à cidade, suportado pelo comércio, agricultura e indústria, apelando à autoestima da cidade: “A Guarda que nos

últimos 20 anos tem progredido notavelmente, embelezando-se e desenvolvendo indústrias, comércio, marca hoje uma situação económica bastante considerável e realiza uma exportação importante.” (Borges D. H., 2010) Opinião divergente tinha o governador Civil da Guarda, Augusto César de Carvalho, que sintetizava a situação da cidade no ano de 1928: “a pobreza dos recursos locais tornava utópicos antes de 1928, todos os planos de obra pública...”, que tinha ainda o apoio do presidente da Câmara, António Lopes Quadrado definindo-a como “feia, fria, farta e forte”. (Pereira , 1995)

O ânimo de José Dias Soares era inabalável, ele referia os vários tipos de exportação que o distrito almejava e concretizava desde a castanha, fruta, azeite, os cobertores de papa... tudo isto ia nos milhares de vagões com os destinos mais variados, e ainda referia as inúmeras explorações que havia, de volfrâmio, urânio, estanho, entre outros. Para além disso a educação estava num amplo progresso, citando: “Possui um dos mais frequentados liceus do país, onde muitas notabilidades pátrias iniciaram os seus estudos!”. Em nota final, o mesmo autor deixava uma visão do futuro, que a cidade deveria aproveitar: “...a Guarda será uma terra com superiores condições de atração e conforto e um bom ponto de turismo. Oxalá não faleçam as boas vontades e iniciativas.”

As vontades não faleceram e a prova disso foi que a partir da segunda metade da década de 1920 a Cidade teve uma atualização do tecido urbano, enquanto decorria o longo restauro da Sé catedral, a Guarda foi palco de reestruturação, pavimentação e criação de infraestruturas, aliado à sua expansão urbana para os campos agrícolas localizados na periferia. (Borges D. H., 2010) A implementação de água ao domicílio e rede de esgotos foi outro passo importante para combater a insalubridade que se fazia sentir, foi remodelada toda a rede elétrica, criada a instalação subterrânea de telefones. Enumerando os equipamentos criados, surgem alguns de maior destaque: Liceu, Escola do Magistério Primário, Palácio da Justiça, Hotel de Turismo, Bairro Económico, Bairro dos Pobres, Centro de Assistência Social, Banco de Portugal e Matadouro. São também iniciados e continuados alguns restauros: Capela de São Pedro, Mercado Municipal, Hospital da Guarda e Sé (como referido anteriormente). (Pereira , 1995)

## História do edifício

A 21 de julho de 1938 o Matadouro tinha um novo lugar, encontrava-se depois do entroncamento do Lacete, no qual confluía a estrada nacional, e “logo a baixo, do lado direito” lá estava o Matadouro da Guarda, projeto da autoria do engenheiro Octávio José Felgueiras, (Ferreira, 2000) que optou por criar um matadouro planificado com vias de acesso, sendo claramente um matadouro baseado na escola alemã, criado de uma planificação regular com blocos retangulares e entre eles havendo ruas e passeios assumindo coberturas de quatro águas em todos eles, mostrando desta forma uma linguagem modernista industrial. Dentro destes blocos tudo tinha uma função pré-definida, havendo espaço para estábulos, zona de matança, zona anexa à matança, subprodutos, guarda e ainda uma zona de administração/fiscalização. (Vargues, 2014)



*Figura 3-Matadouro em construção 1938 a 1940 (Ferreira, 2000)*



*Figura 4-Matadouro da Guarda anos 60 (Ferreira, 2000)*

A obra era simples e sóbria na sua volumetria, no entanto durante os anos que operou sofreu inúmeras ampliações que fizeram o conjunto arquitetónico ficar confuso, sem uma identidade concentra, a própria pigmentação original denotava-se uma cal de amarelo torrado que com o passar dos anos se misturou com tons de magenta sem qualquer justificação que o fizesse acompanhar.

O matadouro era acompanhado pelo seu vizinho, desta vez do lado esquerdo, o Celeiro da FNPT (Federação Nacional de Produtores de Trigo), garantiam o sustento da cidade (Ferreira, 2000), estando já para lá do que se poderia considerar a periferia da cidade, como que de um limite se tratasse, estes elementos foram também eles importantes para o dinamismo da cidade. Os hábitos de consumo dos egitanenses desviaram-se da rota do matadouro e como tal, acabou por fechar nos finais da década de 80, ficando, até aos dias de hoje, ao abandono, (Martins, 2016) (Jornal terras da beira, 2016) circundado por todo o tipo de edifícios das mais distintas escalas, desde habitação unifamiliar, plurifamiliar, prédios de 3 a 6 andares que cresciam proporcionalmente com a topografia da própria cidade. A envolvente é desconexa e vazia de conteúdo, não existindo um elemento que crie a unidade na variedade de edificações. Recentemente, em 2009 reestruturou-se a via que circunda o matadouro, a antiga rua cidade Bejar “promovida” a



Figura 5-*Restruturação da via 2009 (Google Maps)*

avenida. Para este acontecimento ser possível foi necessário retirar uma parte considerável ao terreno da zona a intervir: outrora respirava o conjunto edificado e atualmente este encontra-se estrangulado pela nova avenida.

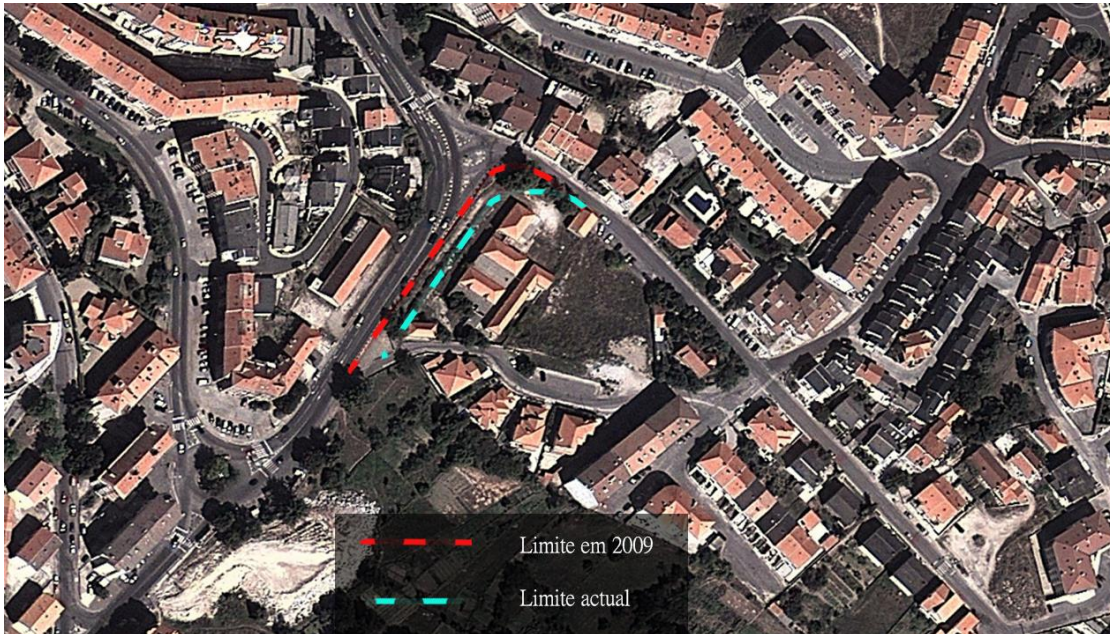


Figura 6-Limites do Matadouro (do autor)

Em 2016 houve várias propostas para renovar o espaço. Pretendiam torná-lo no novo mercado ou nas novas instalações da guarda nacional republicana. Todas estas ideias não passaram de ideias inviáveis pelos mais variados motivos, mantendo-se em estado de decomposição até à data. Um dos pontos principais para o seu esquecimento prende-se com a evolução geográfica da cidade, pois o matadouro foi criado para alimentar a vida com a morte, estando longe da vida e convivendo com a morte, o que não se passou com o contar dos anos. O que se definia como periferia passou a fazer parte da cidade e atualmente é o centro geográfico da mesma. A expansão que a Guarda sofreu relativamente à localização do matadouro foi em todas as direções: comércio e habitação são dominantes na paisagem, empurrando a parte industrial para sudeste da cidade. Nesta perspetiva, o matadouro encontra-se muito deslocado da zona de atividade de carácter industrial, daí a sua função ter ficado descontextualizada face à sua ocupação.

Será necessário definir aquilo que tem valor arquitetónico e aquilo que deve ser demolido e esquecido. Salienta-se também a importância do diálogo com a envolvente (inclusive com o muro de betão que estrangulou o existente).



*Figura 7-Fotos do estado atual (do autor)*

## Memória do estado actual

O matadouro está presente na memória de todos os guardenses, parece que sempre lá esteve, escondido, olhando por cima da estrada, vendo, mas não se deixando ver, sempre com aquele ar sinistro que o caracterizou desde que o homem o abandonou, e como qualquer ruína que fica à sua sorte, esta não foi diferente. A natureza e o vandalismo invadiram-na, adulteram-na, mas, antes disso, este conjunto arquitetónico já fora desvirtuado, deixou de se compreender: os anexos criados, aliados a outras alterações geraram uma imagem desorganizada, menos coerente e verosímil com respeito à sua arquitetura. Mas quando se analisa o espaço compreende-se o que está a mais, o que foi alterado, o que foi “roubado”. Disso se faz a ruína, cheia de pistas, mais ou menos antigas, gravuras rupestres dos novos tempos e marcas que surgiram com o natural passar do tempo. A criação de anexos tornou o edifício mais débil pela forma precária como foi resolvido, por exemplo, o escoamento de águas ou a iluminação, ou ainda a escolha do material, tudo isso acelerou a degradação do edificado. Mas depois de um olhar atento, compreende-se que a nobreza dos materiais originais e a sua durabilidade é assombrosa, isso é possível verificar na pedra, no caixilho dos vãos, na manivela que os cerra e abre e nas próprias asnas de madeira, que apesar da sua durabilidade começam a dar sinais evidentes de alguma instabilidade devido a intervenções e opções incorretas realizadas no passado. Quando acedemos ao terreno, a memória de matadouro acaba por ser impercetível; exceto quando visitamos alguns anexos e observamos o pavimento marcado por depressões. Este matadouro assume-se como um local que deixa em aberto inúmeras possibilidades de utilização, é um espaço que pretendemos

assumir como uma oportunidade de melhorar a cidade da Guarda e a vida de todos os cidadãos que nela residem e que a visitam.



*Figura 8-Entrada de cargas e descargas em 2009 (Google Maps)*



*Figura 9-Esquiço 1-500 do existente (do autor)*

## Programa da proposta

A definição de Centro Cultural não é unânime, pois dependerá do contexto em que se insere, assim como as atividades que nele são desenvolvidas, de acordo com a UNESCO, o objetivo deste espaço será um conjunto de espaços amplos onde decorrem diferentes manifestações culturais, com a intenção de enriquecer e animar a vida cultural da população local, promovendo desta forma valores culturais entre os membros da comunidade. (DeCarli & Christophe, 2012) Tendo por base esta definição, a importância de conseguir gerar tais relações interpessoais é fundamental. Conseguir agregar um novo elemento na cidade que tenha a função de cozer-se com o meio urbano em que se insere é um ponto preponderante para que o futuro do equipamento, desta forma, não seja apenas um espaço que embeleza a sua envolvente. Acaba por ter funções muito próprias que irão atrair a população para este ponto da cidade, passando de forma lógica a designar-se de Centro Cultural da Guarda. Daí a escolha específica deste equipamento e não outro. A pertinência desta função na cidade justifica-se pela necessidade de apoiar os diversos equipamentos que atualmente operam na cidade com limitações. No caso do TMG (Teatro Municipal da Guarda) existe uma oferta

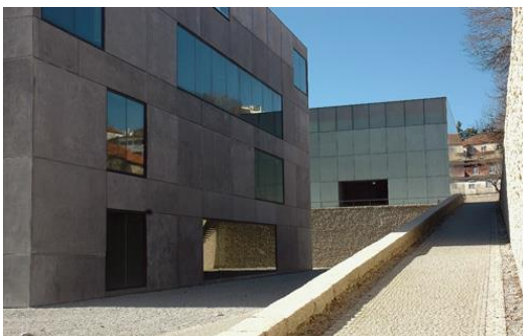


Figura 10-TMG (Freguesia da Guarda, s.d.)



Figura 11-Centro Cultural (all about Portugal, 2017)

cultural a nível de audiovisual, teatro, concerto e exposição. No entanto, este último ponto apresenta uma maior limitação do espaço, pois a área e o pé direito sugerem tratar-se de exposições temporárias, com especial incidência para quadros, sendo que a introdução de esculturas neste espaço é um desafio. Não é o foco principal do TMG, como o próprio nome indica, daí ser interessante haver um novo equipamento que esteja dedicado a estes aspetos. O Centro Cultural que atualmente existe conta com pequenas salas de exposição geradas pelo existente, sendo complexa qualquer intervenção no espaço, dada a carga histórica e arquitetónica. A sua localização é na rua General Alves Roçadas, uma das ruas principais da zona velha da cidade, daí estar condicionado a receber obras de maior volume.

É notória a necessidade de um novo espaço que consiga satisfazer as necessidades enunciadas acima, assim como criar um ponto na cidade que seja mais do que a exposição “da obra”, um espaço que gere relações entre artista e população, sendo o artista local ou de fora da cidade, uma das principais debilidades da cidade prende-se com o ponto do alojamento do artista que não é da terra, a escassez de alojamentos dedicados a artistas é notória, seria uma oportunidade para a proposta poder resolver esta questão que cada vez mais se vai prolongando.

Para compreender como seria a melhor estratégia de intervenção no antigo matadouro, foram tidas em conta referências que mostrassem como outros arquitetos resolveram a problemática similar. Um caso de estudo foi o “Antiguo Matadero de Valladolid” convertido num centro integrado de equipamentos, no ano de 1998 pelos arquitetos: Alberto Grijalba e Julio Grijalba.



*Figura 12-Foto do existente e maquete da proposta (Grijalba & Grijalba, s.d.)*

A proposta define-se por se “abrir à cidade e completar a trama” uma característica que é evidenciada pela evolução que sofreu. Antes da intervenção o carácter da zona era marginalizado, estando ao abandono vários pavilhões pertencentes ao matadouro, era necessário intervir e revitalizar o espaço, mantendo o seu carácter, esse carácter industrial, sempre dignificando o conjunto existente e encontrar nele um novo uso adequado, com uma função cultural e recreativa. Os arquitetos referem ainda a importância de a intervenção fazer sentido ao se aproveitar grande parte do existente, pois caso o existente mal fosse tido em conta, não se chamaria de reabilitação. A parte económica é importante, reutilizar os elementos existentes implica uma poupança de fundos e do ambiente. Sendo no passado todos esses pavilhões cercados por um muro a estratégia passou por retirar a cerca como forma de se abrir à cidade, criando ruas de carácter pedonal entre os vários pavilhões. Abrindo-se à cidade não só pelas novas ruas, mas também pela praça que se dedica à população, como forma de criar um ponto de interesse e convívio, e sobre essa ideia desenvolver em cada pavilhão os novos usos de características culturais e desportivas, outro detalhe curioso é a sua intervenção ser feita de forma faseada, focando-se num aspeto mais urgente da cidade e permitindo a construção e abertura dos espaços de forma faseada. (Grijalba & Grijalba, s.d.)

Outra referência de carácter semelhante foi o “Matadero de Madrid”.



Figura 13-Contraste entre o passado e presente do matadouro de Madrid (La Vanguardia, 2018)

Com trabalhos desde 2005 tendo a intervenção de inúmeros arquitetos, entre eles: Arturo Franco (2007 e 2010); José Antonio Roldán(2007); Emilio Esteras, Justo Benito (2007); Ginés Garrido, Carlos Rubio e Fernando Porras (2011) entre outros.

Com uma carga histórica e importância ainda maior, dado o contexto em que se encontra, para além de matadouro este espaço tinha a característica de ser o mercado municipal, algo que durou a maior parte do século XX até ter de ser fechado por falta de condições de higiene, deixando aquela zona degradada e marginalizada, sendo por isso necessário arranjar uma solução que mitigasse estas questões, revitalizando-se os bairros das proximidades. A solução encontrada para este complexo foi em 2005 deixar o espaço à direção da área “de las Artes del Ayuntamiento de Madrid”, a partir desse ponto começaram a surgir várias intervenções arquitetónicas, cuja premissa prendia-se na preservação do existente, sem “chocar” com o seu desenho. Tal espaço passou a ser um sítio de experimentação arquitetónica, tendo em mente a possibilidade de que, caso fosse necessário, seria possível voltar a colocar o edifício no seu estado original. Revelando-se a importância de manter a marca do passado sempre presente, independentemente da intervenção que fosse executada, Isto demonstra o enorme respeito pelo legado do matadouro demonstrando as capacidades de intervenção arquitetónica de carácter



Figura 14-Intervenção no matadouro de Madrid (Langarita Navarro Arquitectos, 2012)

experimental, comprovando a possibilidade de albergar os mais diferentes usos que sejam requeridos para este espaço. Existem várias obras que forma reconhecidas neste espaço pela sua qualidade, como é o caso da “Nave de Música e Nave 16”, reconhecidas nos prémios FAD (associação espanhola Arquinfad) em 2012. Também em 2012 forma premiadas com o prémio COAM (Colegio Oficial Arquitectos de Madrid) a “Cineteca” o “Archivo Documrnnta” e a “Nave 16”; entre outros prémios que reconhecem o valor das propostas apresentadas. (Matadero Madrid, s.d.)

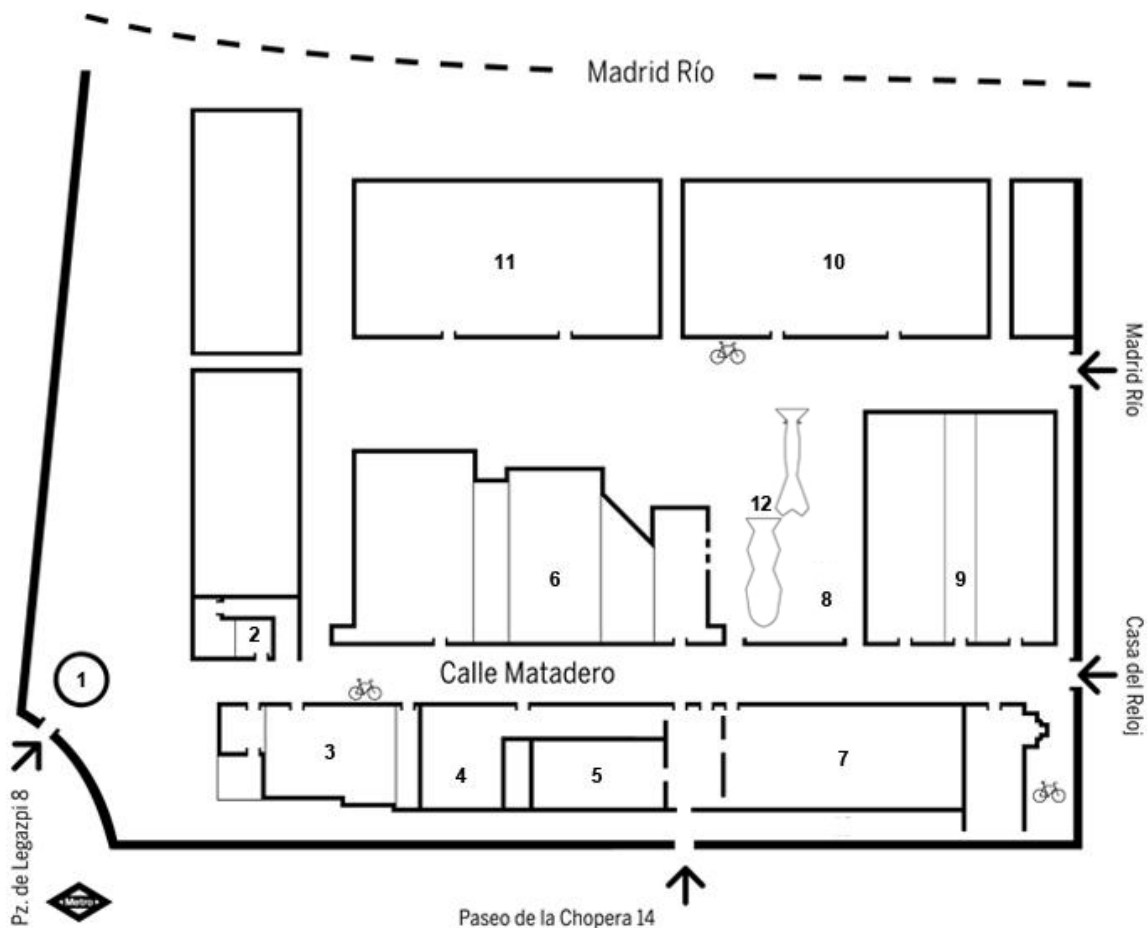


Figura 15-Planta do Matadouro do Madrid (Matadero Madrid, s.d.)

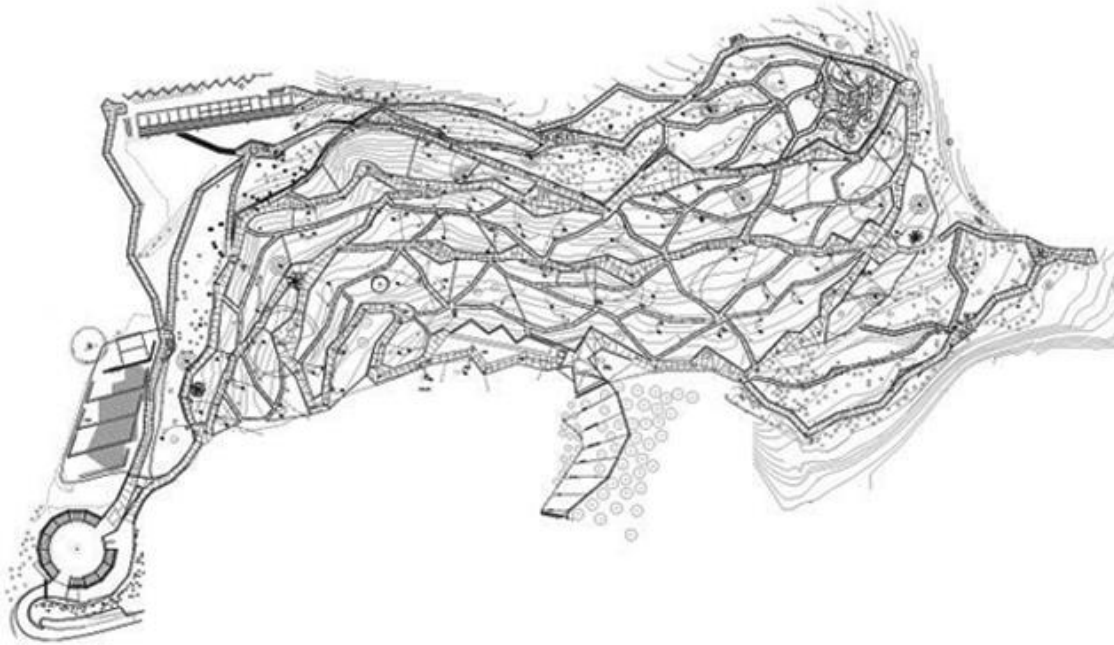
Tendo por base estas ideias fortes da necessidade de preservar a história do edifício, sabendo-o relacionar com a envolvente e a sua capacidade de gerar espaços públicos de interesse à população, denota-se a necessidade de adicionar espaços verdes na proposta, por se encontrar numa zona urbanística em que os jardins mais próximos distam deste ponto e a proximidade de bairros é evidente. A estratégia passa por revitalizar o espaço urbanístico tendo também em conta a importância destas zonas de convívio. Uma referência que revela uma solução interessante é o jardim botânico de Montjuic em Barcelona, criado pelos arquitetos Carles Ferrater, Beth Figueras e Josep Canosa no ano de 1999, sendo uma área de 14 hectares e localizado



*Figura 16-Jardim Botânico de Barcelona (Barba, 2012)*

numa zona cuja topografia tem um relevo acentuado. São utilizadas uma série de estratégias que irão resultar num desenho harmonioso, adotando constantemente a linha quebrada e várias triangulações como forma de resolver declives mais acentuados e contenção de terras, fazendo uso do aço corten essencialmente nos muros de contenção, o que contrasta com o verde da vegetação ali presente. Recorre-se ainda à utilização pontual da água como forma de garantir um ambiente mais agradável, havendo ainda um edifício dedicado ao Instituto de Botânica de Barcelona que se assume em

betão com um apontamento em aço corten de forma a conectar-se com o resto da proposta. (Barba, 2012)



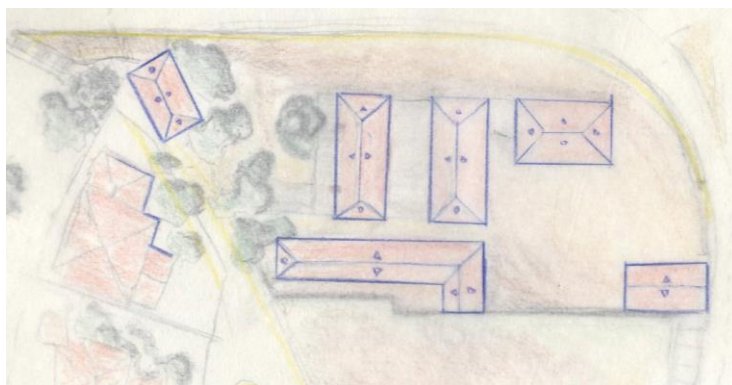
*Figura 17-Planta do Jardim Botânico (Barba, 2012)*

As referências acima apresentadas demonstram de forma muito direta exemplos de possíveis intervenções que acabam por ter uma aura semelhante ao equipamento em estudo, no entanto, como se fez notar, a escala apresentada tem claras discrepâncias com o antigo matadouro da Guarda.

## Estratégia projetual

À luz das referências descritas no capítulo anterior, é primordial respeitar o existente, compreender a melhor forma de abordar o projeto, saber como complementar sem desvirtuar o seu legado arquitetónico, tendo em conta as variáveis que caracterizam o equipamento e o tornam único. Para satisfazer as necessidades do equipamento é necessário entender se a proposta é divergente ou se pretende relacionar-se com os blocos presentes no terreno.

Compreender a “honestidade” do volume é fundamental para entender o ruído que possa ter sido gerado nela, refere-se, pois, à ideia original da peça, esse traçado ortogonal de alinhamentos muito marcados, divididos por ruas com passeios, cuja retangularidade é evidente assim como a pontualidade dos volumes. A relação harmoniosa entre o cheio e o vazio que nos destaca logo a presença de duas praças que no passado tinha a função definida de estábulo ao ar livre e de cargas e descargas, respetivamente em baixo e em cima, onde o estábulo se fechava, deixa, no entanto, respirar o volume que nega à ortogonalidade e assume uma postura diferente face ao terreno, pois também a sua função é outra. Tem uma função administrativa, um carácter cuja volumetria pode ser confundida por um elemento habitacional. (ver Painel 3 Collage de planta dos volumes originais)



*Figura 18-Esquiço da planta existente (do autor)*

A pontualidade dos volumes perde-se quando grande parte das ruas deixam de existir, sendo agora a rua também um volume de vazio no qual se deixa de ler essa pontualidade volumétrica e se inicia uma leitura de volumes que têm linguagens distintas, materialidades diferentes. O legado da alvenaria de granito com a cal amarela e da telha marselha/canudo que coroa a cobertura de quatro águas, conversa agora com o bloco de cimento pintado a magenta e cobertura de uma só água em chapa ondulada, onde força uma conexão que não se quer fazer. (ver Painel 3 Collage de planta com anexos sem valor arquitetónico)



*Figura 19-Estado em 2009 (Google Maps)*



*Figura 20-Entrada pedonal em 2007 (Google Maps)*



Figura 21-Alteração do limite em 2009 (Google Maps)



Figura 22-Estado atual da entrada pedonal (do autor)

Tendo em conta os erros do passado a proposta pretende executar uma conexão que tenha uma maior coerência e que acrescente valor ao existente, preservado a sua memória, deixando-o novamente respirar, conseguindo tirar partido do muro de betão existente que ignora o espaço sagrado do matadouro, cortando pela metade o antigo portão de acesso ao espaço, um ato que demonstra a força com que essa metade é retirada.

Pretende-se manter a ortogonalidade presente do projeto, criando vários volumes que possuem a mesma métrica que o existente, respeitando as suas larguras e alturas, nunca destacando os novos volumes, mas sim criando uma relação simbiótica entre eles, entendendo a força que essa malha gera no contexto do equipamento. Um dos volumes assume uma forma que se pode considerar alienada ao projeto, no entanto esse elemento respeita e segue a intenção do jardim e do espaço percorrável de forma pedonal, tendo também ele uma função muito própria que deve ser evidenciada na própria implantação. (ver Painel 3 Collage de planta da proposta arquitetónica)

Também os percursos são muito próprios e com uma fluidez que contrasta com a ortogonalidade dos volumes, utilizando uma estratégia de linhas quebradas que influênciam o negativo do projeto -o que não é construído-, mas que, neste caso específico, tem um tratamento muito próximo ao que é construído, pela complexidade inerente da linha quebrada que deve ser demonstrado onde se deve quebrar e como conectar com o edificado, revelando a pertinência das zonas onde devem surgir praças, espaços de estar, espaços de convívio. Estando presente na própria largura do espaço percorrável como uma sugestão para sítios de passagem, zonas de contemplação, espaços de maior densidade de atividades. (ver Painel 2)

O carácter público da proposta é contido pela sensibilidade dos serviços que nele coabitam, sendo um dos volumes dedicado às residências para artistas. É essencial controlar a privacidade necessária a este espaço, o mesmo se passa na zona de trabalhos dos artistas. Haverá que garantir a sua segurança que se estende a todo o equipamento, para que tal seja possível optou-se por delimitar todo o projeto, revelando de forma evidente o momento de entrada no espaço. Desta forma o utilizador tem a consciência de quando entra ou sai do Centro Cultural. Para tal ato mantém-se parte do

muro existe do projeto original e cria-se ao longo dele uma nova pele que acompanha a essência dos percursos pedonais de linha quebrada. Este elemento relaciona-se de forma implícita com o muro de betão existente, pela sua materialidade, mas com uma maior plasticidade. (ver Painel 4)



*Figura 23-Estado atual entrada do estábulo (do autor)*

## O projeto

Sendo o novo Centro Cultural um equipamento que pretende albergar várias atividades é importante que a sua leitura global não seja confusa, que se compreenda a forma como se “coze” ao restante desenho urbano. Com uma linguagem única, mas não desvirtuando a escala em que se insere, faz uso de alguns elementos pré-existentes ao desenho urbano, como é o caso das escadas que vencem a cota da avenida, ou os estacionamento existentes. Há a preocupação de compreender que a sua envolvente mais próxima são habitações unifamiliares, daí se proceder de forma estratégica à colocação das atividades que se possam considerar mais ruidosas na parte superior do terreno, junto à avenida e onde se localiza a pré-existência. Desta forma assegura-se uma concordância com a envolvente, no entanto, as atividades noturnas deste espaço serão pontuais, com especial destaque para as residências e a zona de restauração. (ver Painel 4)

### Tratamento dos muros

Os muros que delimitam todo o projeto têm várias fases de conceção. Junto ao bloco administrativo, existe uma delimitação que se caracteriza por fazer parte do projeto original, apenas parte dela se mantém nos dias de hoje. Tendo uma escala que define a necessidade de marcar uma separação evidente. Seguidamente é quebrada pelo aparecimento abrupto de um muro estrutural de betão armado para contenção de terras, com um carácter mais frio e desligado do que acontece dentro do equipamento. Curiosamente,

trata-se da última intervenção feita no espaço, sendo esta uma oportunidade de evidenciar a sua sensibilidade face à escala do existente, para isso evita-se qualquer tipo de agregação que possa de alguma forma mascarar o caráter do muro de contenção sendo colocado uma plataforma para expor peças de arte



*Figura 24-Relação estabelecida do muro de betão com o existente e a envolvente (do autor)*

que possam estar ao ar livre. Caso essa peça tenha uma altura considerável será possível vislumbrá-la do outro lado da avenida. Algo semelhante acontecerá com as várias árvores previstas que se pretendem plantar; sendo árvores da região será fácil de identificar os novos sobreiros e freixos que irão despontar, o que gerará “confusão” na hora de interpretar a copa das árvores que brotam do passeio da avenida: uma estratégia passiva que se alia à natureza para denunciar a desconexão física do espaço à sua envolvente, mas sempre respeitando-a.

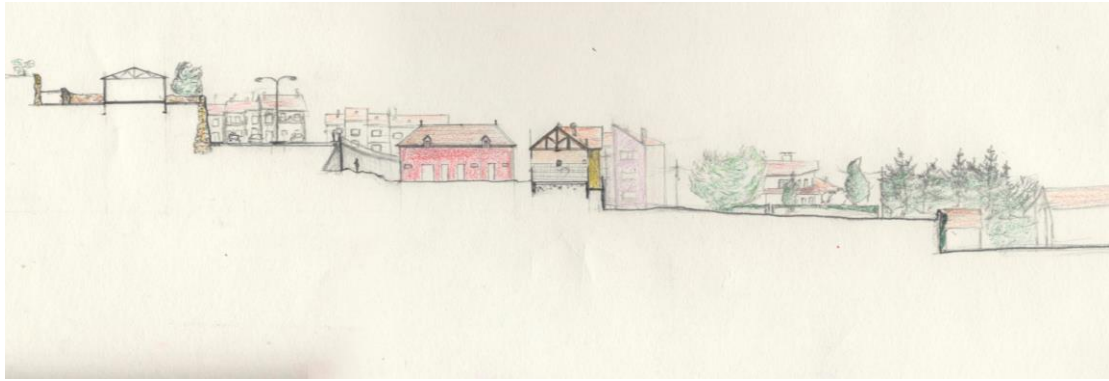


Figura 25-Esquiço em corte (do autor)

É espectável que o muro de betão armado se irá repercutir ao longo do projeto, seja marcante. O muro proposto para conectar estes dois elementos prende-se pela necessidade, referida anteriormente, de poder cerrar o espaço e revelar o ponto de entrada no equipamento, este muro tem uma carga evidente na proposta: delimita a zona, outrora virgem, do terreno, sendo uma divisão que bebe da configuração das linhas quebradas em sintonia com o espaço de reflexão. Parte da ideia conceptual de ser embebido em betão, revelando a força da sua presença no espaço. Dada a volumetria é possível no próprio muro serem criados assentos e algumas perfurações de modo a sugerir a procura, cultivando o desejo de querer saber o que se passa no interior. (ver Painel 4, Painel 7 corte IV e Painel 10 corte VIII )

## Articulação dos acessos

Para aceder ao interior do equipamento existem quatro entradas: duas a sul, uma a norte e uma a nordeste. Todas elas com características muito próprias, o que se reflete na largura das entradas e na sua localização.

A sul encontra-se a entrada administrativa, junto ao muro de contenção, um percurso que tem um carácter privado, mais oculto que os restantes, dedicado a quem já conhece o espaço e nele trabalha. Ainda a sul,

ao lado do bloco administrativo, surge a entrada do Centro Cultural, acessível primordialmente de forma pedonal, ponderada como o ponto mais curto para quem circula pela cidade a pé, fica também definida pela proximidade da recepção e bilheteira; sendo no passado uma das duas entradas do matadouro. A segunda entrada mantém-se a norte com a mesma função de outrora: descarregar mercadorias que irão abastecer o restaurante e o espaço de trabalho dos artistas. A última entrada a nordeste surge com o objetivo de ser utilizada pelos artistas, pela conveniência da proximidade à residência. (ver Painel4 e Painel 2 pontos de entrada /função/volumes dedicados a cada função)

## A vegetação e a água

Do interior brotam os dois tipos de árvores que se pretendem colocar, o freixo e o sobreiro, duas espécies da zona que irão com o passar dos anos ocultar partes do edificado, remetendo a uma visão de como a natureza invadiu este espaço antes de existir uma reabilitação. Será assegurada com vegetação a privacidade em pontos chave e a mitigação tanto de ruídos exteriores como interiores, melhorando ainda a temperatura do espaço tornando-o mais fresco e agradável. Para complementar, a introdução de água no projeto é pontual e com um caráter estratégico, as fontes mais ruidosas estão na zona de trabalho para mitigar o ruído da cidade e o ruído proveniente das atividades mais dinâmicas que se realizam no ponto central de confluência do projeto.

A entrada no Centro Cultural conta também com duas fontes e dois lagos. São estes que marcam o início do percurso, algo mais plácido que o anterior, com um som mais aligeirado. No extremo do terreno surge o último lago, praticamente estagnado, com uma movimentação ligeira, pode-se considerar a zona menos perturbada da proposta pelo tema que introduz: o espaço de reflexão.

(ver Painel 4, Painel 5 planta de implantação)

## O espaço de reflexão

O espaço de reflexão apresenta um caráter único, gerando os muros criados na proposta e integrando-os na paisagem. No seu interior, a luz é reduzida e o ambiente assemelha-se a uma gruta, um espaço em betão que passa uma imagem bruta e tosca no seu acabamento que contrasta com a coroação metálica do depósito, de águas pluviais que escorre de forma muito contida pelos fios de nylon. Será possível ouvir o pingar e o ecoar pelas paredes medonhas, seguidamente essa água escorre de forma livre pela rampa até se reencontrar com o lago que fora visto no início da experiência. Cria-se um ciclo que se repete, sempre que chover na cidade, e durará dois a três dias após o cessar da pluviosidade; um espaço íntimo, sem bancos, para não criar em nenhum momento uma ideia de que algo pertence ao espectador. Existe um portal evidente do exterior, mas que no interior perde o protagonismo, esse plano será tanto de dentro como de fora um espelho que remete para uma realidade distorcida, onde este espaço ganharia o dobro da sua área e o seu utilizador se vê duplicado de forma precisa. No entanto, esse espelho não toca o chão, deixando uma fresta para as águas da chuva poderem correr livremente e desaguarem do lado exterior. O facto de se ver refletido introduz mais uma vez um efeito de surpresa, que fará o espectador olhar para ele próprio e tomar consciência da sua pessoa enquanto utilizador. Neste ponto o espectador finalmente se cumpre, não é forçado a estar, nem a contemplar, apenas a refletir.

(ver Painel 4, Painel 6, Painel 10 e Painel 11)

## Um espaço próprio para os artistas

A residência de artistas estabelece uma relação visual com o espaço de reflexão. Embora a sua materialidade aparente ser similar, não é de toda verdade, pois são utilizados painéis de Viroc, como forma de aligeirar o volume e garantir um correto isolamento. (ver painel 15) A leveza é também garantida pela elevação deste elemento, ele é desprendido do solo ficando apenas apoiado em pilares. Esta solução é utilizada para se puder usufruir da totalidade do jardim. O ponto primordial deste elemento prende-se com a questão complexa: “Como tocar o existente”, sendo duas linguagens bastante distintas a sensibilidade desta questão quando maltratada poderá pôr em causa a viabilidade da proposta. Após vários testes, a solução passa por evidenciar essa quebra na proposta construtiva, havendo sempre um respeito pela memória do existente e sem nunca a proposta se sobrepor. Daí manter-se a ortogonalidade com o traçado original, assim como a altura da cumeeira não ultrapassar a do existente. Um dos principais vãos estabelece um diálogo com o vão do restaurante, o que lhe dá um sentido de conexão implícito na própria linguagem, estendida a toda a proposta, esse vão a nordeste revela o espaço de refeições comum dos artistas. Nas habitações individuais a privacidade está garantida assim como duas zonas amplas, dedicadas para se articular com o trabalho artístico e funções inerentes à residência. (ver Painel 4, Painel 12 e Painel 14)

## As áreas de serviço

Optou-se por manter o espaço administrativo como no passado, na casa de cal amarelo torrado, isolada do resto do existente tanto em escala como em traçado, mantendo, desta forma, a função no mesmo espaço. Foi necessário reformular o seu interior por completo, pois o segundo piso sucumbiu. Foi ainda redesenhado o elemento de circulação vertical interior, criado num lance único, integrado com a restante proposta pela conexão

estabelecida com os lagos concebidos, utilizado o mesmo material inerente, o aço corten. Foram criados mobiliários próprios com função divisória de forma a deixar um aspeto de maior amplitude face às dimensões reduzidas do volume e às necessidades atuais de um espaço com tais características. (ver Painel 9 corte 6 e Painel 12)

## Zona expositiva

Como já referido, retiraram-se os anexos que desvirtuavam o conjunto arquitetónico, mas a ideia de unir os dois blocos de geometria semelhante manteve-se, definindo os dois elementos como ponto principal para a exposição de obras de arte. Exteriormente, partilham as características face a um olhar desatento, no entanto, dois vãos junto da cobertura revelam a antiga possibilidade de atingir aquele ponto. A proposta trata de dar solução a essa possibilidade, duplicando desta forma o pé direito do espaço pois é o único elemento que possui caixotão ou caixão, dando a possibilidade de utilizar praticamente todo o volume do edificado. Neste espaço poderiam aparecer as peças de maior dimensão, e terem em conta a iluminação dos vãos superiores, assim como a dos inferiores. Um apontamento dos vãos inferiores é a possibilidade de parte deles terem como soleira o limite do lago, o que irá proporcionar uma visão interessante, que dará valor ao local em que a obra é exposta. A ligação entre os dois volumes é feita por um terceiro volume de dimensões modestas que tem a função de os conectar e de permitir o acesso ao patamar exterior, cuja utilização dependerá do tipo de exposição, podendo tirar partido da plataforma para apoio de peças de arte e da própria plataforma percorrável. A diferença do outro volume prende-se por vãos de maiores dimensões e pelo coroar do teto com um trabalho interessante de asnas. (ver Painel 4, Painel 5, Painel 7 e Painel 9)

Do lado exterior -o que comunica com o bloco existente mais comprido- pretendeu-se devolver a ideia de rua, que estava presente no projeto original,

mantendo os passeios existentes e intensificando a presença da rua paralela ao bloco mais comprido.

Nesse bloco, a evidência, mais uma vez, das asnas é notória. A extremidade funciona como sanitários, por estar numa zona mais reservada, sendo o resto do bloco destinado à exposição de obras de arte.

Assumindo-se como um Centro Cultural que poderá expor qualquer movimento artístico, o grande destaque vai para a arte contemporânea, pelas inúmeras possibilidades que este espaço poderá oferecer a este movimento artístico, que se caracteriza por não estar cerrado em quatro paredes, oferecendo todo o cenário do equipamento para ser o plano de fundo à exposição, podendo saltar de um bloco para o outro, surgir no jardim e até sair fora dos limites da proposta, não haverá restrições, mas tendo sempre em conta a preservação e o respeito pela memória.

A existência de um bloco destinado à zona de trabalho dos artistas prende-se pela importância de este espaço servir para montar determinada obra, ou em caso de inspiração, o artista que se encontra pela cidade, pode criar uma peça. Para tal, o bloco foi deixado com uma intervenção mínima, apenas introduzindo um móvel com ponto de água e armazenamento de materiais inerentes às necessidades dos artistas. Será possível trabalhar nesse espaço ao som da água que corre pelas fontes ali próximas, como forma de mitigar o som proveniente das atividades mais dinâmicas que se realizam no ponto central de confluência do projeto. (ver Painel 7 corte 4 e Painel 8)

O restaurante permite negligenciar todas estas experiências descritas, pela possibilidade de ser acedido pelo exterior, sem ser necessário percorrer a obra. Desta forma faz uma limpeza aos utilizadores que acedem por outro motivo que não o que caracteriza o Centro Cultural.

Neste espaço os pés-direitos variam, sendo criados meios pisos, dividindo desta forma distintos espaços de refeição, tendo em ambas as entradas vãos que preenchem toda a fachada, para desta forma tornar o espaço iluminado e agradável a quem dele faz uso. Existe na fachada que comunica com o espaço de trabalho uma zona de refeição ao ar livre para disfrutar da vivência do espaço. A zona de confeção de refeições encontra-se

no volume existente, fazendo da antiga zona de arrumos o espaço de armazenamento dos produtos alimentar.

Desta forma conclui-se as várias conexões dos diferentes volumes que integram o Centro Cultural da Guarda e o fazem funcionar de forma harmoniosa.

## Conclusão

Após uma análise do resultado apresentado, como carácter de concurso, no qual devem ser reveladas as qualidades e as ideias base do projeto, é fundamental conseguir transmitir de forma clara a proposta, fazendo compreender ao leitor da maneira mais sintética e harmoniosa a complexidade que está inerente em entender as variantes que tornam este projeto único e irrepetível. Seja pela sua localização, contexto urbano, topografia e a sua história, ao trabalhar com edifícios existentes a história é uma parte preponderante na tomada de decisões, é fundamental entender o que revela e oculta a ideia base do projeto existente, consciencializando a importância de respeitar a memória do existente, mostrando-se grato pela possibilidade de “reintervir” na história de um edifício. No fundo, a possibilidade de escrever mais um capítulo na sua história, de modo a não ser um fim inglório, mas a possibilidade de renascer e revitalizar-se a si e à envolvente.

A importância de revitalizar o espaço do antigo matadouro da Guarda é fundamental para a cidade, desta forma será possível continuar a crescer e afirmar-se no mundo cultural. Vendo-se preparada para acolher e satisfazer as necessidades da população e dos que a visitam, incluindo os artistas, que pelo pretexto do Centro Cultural ficarão a conhecer a cidade mais alta do interior de Portugal, podendo desta forma tornar-se um nome de referência. Pela história que carrega o próprio equipamento assim como a da cidade.

Considera-se que a introdução de elementos novos na cidade como o espaço de reflexão, residências e espaços de trabalho para artistas, são uma mais valia para a cidade e um exercício interessante de projeto onde o diálogo entre todos estes elementos, de distintas funções, possa ser feito de

forma harmoniosa, tendo em conta várias variáveis que condicionam e geram oportunidades únicas de projeto, que noutra contexto seriam desprezadas ou inexistentes. Sendo conscientes do valor do património, que numa abordagem adequada do ato de reabilitar pode ofertar uma nova vida aos edifícios obsoletos, gerando espaços de valor para a cidade.

## Bibliografia

- all about Portugal. (2017). *all about Portugal*. Obtido de <https://www.allaboutportugal.pt/en/guarda/cultural-centers/centro-cultural-da-guarda>
- Barba, F. G. (8 de setembro de 2012). *arquiscopio*. Obtido de Arquiscopio: <https://arquiscopio.com/archivo/2012/09/08/jardin-botanico-de-barcelona/?lang=pt>
- Borges, D. H. (2010). *Guarda, Roteiros Republicanos*. Lisboa, Portugal: QuidNovi. Obtido em 1 de dezembro de 2019
- DeCarli, G., & Christophe, L. (2012). Cultura y Dessa. *¿Museo, centro cultural?(8)*, pp. 17-19. Obtido em 1 de setembro de 2020
- Ferreira, J. A. (2000). *A Guarda Formosa na Primeira Metade do Século XX* (1ª ed.). Guarda, Portugal: Câmara Municipal da Guarda. Obtido em 30 de novembro de 2019
- Freguesia da Guarda. (s.d.). *Freguesia da Guarda*. Obtido de <http://www.freguesiadaguarda.pt/fgDetalhePDI?tipo=1&idpdi=a0L2000000WvIwkEAF>
- Grijalba, A., & Grijalba, J. (s.d.). *grijalba arquitectos*. Obtido de g/arq: <https://grijalbaarquitectos.com/portfolio/centro-integrado-de-equipamientos-antiguo-matadero/>
- Jornal terras da beira*. (11 de 10 de 2016). Obtido de Terras da Beira: <https://terrasdabeira.gmpress.pt/adiado-o-futuro-do-antigo-matadouro-da-guarda/>
- La Vanguardia. (29 de setembro de 2018). *La Vanguardia Madrid*. Obtido de La Vanguardia : <https://www.lavanguardia.com/local/madrid/20180929/452053028061/matadero-madrid-pasado-presente.html>

- Langarita Navarro Arquitectos. (6 de março de 2012). *archdaily*. Obtido de Arch Daily: [https://www.archdaily.com/213918/red-bull-music-academy-langarita-navarro-arquitectos?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com/213918/red-bull-music-academy-langarita-navarro-arquitectos?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)
- Martins, J. (2 de março de 2016). *cmjornal*. Obtido em 30 de janeiro de 2020, de cmjornal: [https://www.cmjornal.pt/portugal/cidades/detalhe/edificio\\_do\\_velho\\_mata\\_douro\\_vai\\_ser\\_requalificado\\_e\\_alugado](https://www.cmjornal.pt/portugal/cidades/detalhe/edificio_do_velho_mata_douro_vai_ser_requalificado_e_alugado)
- Matadero Madrid. (s.d.). *mataderomadrid*. Obtido de Matadero Madrid: <https://www.mataderomadrid.org/arquitectura#enlace-ancla-1>
- Neto, M. J. (2013). *A Toponímia da Cidade da Guarda e a Construção da Memória Pública no Século XX* (1ª ed.). Guarda, Portugal: GuardaConvida. Obtido em 20 de novembro de 2019
- Pereira, J. F. (1995). *Guarda* (1ª ed.). Lisboa, Portugal: Editorial Presença. Obtido em 29 de novembro de 2019
- Vargues, M. C. (2014). *O matadouro como criação moderna: novos destinos para o caso português*. Lisboa: Universidades Lusíada. Obtido em 6 de março de 2020



# Índice de Painéis

Painel 1- Capa do trabalho com perspectiva da proposta

Painel 2- Plantas de contextualização

Painel 3- Planta Passado & Presente; Planta do estado atual E1/500; Collages

Painel 3.1- Cortes e alçados existentes E1/100; Fotos do local

Painel 4- Corte Geral E1/500; Axonometria explicativa

Painel 5- Planta de implantação; Corte I/II E1/200

Painel 6- Planta cota 918.5 E1/200; Axonometria explodida; Collage

Painel 7- Planta cota 921.8; Corte III/IV E1/200

Painel 8- Planta cota 924; Corte IV/V E1/200; Axonometria em corte; Collage

Painel 9- Planta cota 926.7; Corte VI/VII E1/200

Painel 9.1- Cortes DD/EE/FF E1/100; Collage

Painel 9.2- Cortes AA/BB/CC E1/100; Collage

Painel 10- Planta cota 919 E1/100; Corte II E1/200; CorteVIII E1/75; Collage

Painel 11- Corte espaço de reflexão E1/50

Painel 12- Plantas; cortes; maquete e Collage do espaço de recepção e administração E1/50

Painel 13- Planta residência dos artistas E1/100 & E1/50; Axonometrias

Painel 14- Detalhe construtivo entre existente E1/20; Axonometria em corte;

Painel 15-Detalhe construtivo da residência dos artistas E1/20

